

latina, que muito honra o respeitável percurso académico do filólogo Benjamín García-Hernández.

**Trinidad Arcos Pereira (ed.), *Retórica e ideología en las aulas del Humanismo: los progymnasmata*. Vigo, Editorial Academia del Hispánico, 2021, 212 pp; ISBN: 978-84-17696-42-9.**

EMÍLIA M. ROCHA DE OLIVEIRA<sup>4</sup> (*Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC-UA), Universidade de Aveiro — Portugal*)

O livro em epígrafe, como indicia o próprio título, consiste numa recolha de estudos sobre a importância dos *progymnasmata* (exercícios preliminares do ensino da retórica) na educação no Humanismo dos séculos XVI e XVII. Publicado sob a chancela da prestigiada Editorial Academia del Hispánico, é o resultado do trabalho desenvolvido no âmbito do Projeto de Investigação “Preceptivas retóricas para los primeros niveles de enseñanza en el Humanismo: tradición, reescritura, manipulación y originalidad” (GOB-ESP2029-17), financiado pelo Ministério da Ciência, Inovação e Universidades do Governo de Espanha. Como refere a editora do volume Trinidad Arcos Pereira, os oito trabalhos que integram a coletânea permitem-nos perceber de que modo os exercícios preliminares do ensino da retórica se mantiveram nos *curricula* europeus durante aqueles séculos, assim como compreender em que medida alguns dos *progymnasmata* foram objeto de um tratamento especial na literatura e na pregação. São ainda analisados os problemas levantados pela sua inclusão na preceptiva retórica latina (e as diferentes soluções adotadas pelos humanistas), bem como o uso dos *progymnasmata* como meio de inculcação doutrinária e posterior difusão, a partir das aulas, da ideologia da Reforma e da Contrarreforma ao longo daquele período da história (“Introducción”, p. 15).

No primeiro estudo da coletânea, “A *synkrisis*: da tradição retórica aos *progymnasmata*” (pp. 21-37), Joaquim Pinheiro e Cristina Santos Pinheiro refletem sobre “um dos elementos amplificadores do discurso”, a comparação ou *synkrisis*, em grego (p. 22), que “se converteu num elemento recorrente da técnica encomiástica ou de um texto com o objetivo de vituperar, como teste-

---

<sup>4</sup> <https://doi.org/10.34624/agora.v24i0.28042>; emilia.oliveira@ua.pt.

munham os *progymnasmata* de Téon, pseudo-Hermógenes e Aftónio.” (p. 23). Depois de identificarem os aspetos que estes autores colocam em evidência na sua descrição da comparação, os investigadores dedicam a última secção do estudo ao uso do recurso retórico em Plutarco (pp. 28-33). Reconhecem que a *synkrisis* adquire no texto plutarquiano “uma grande valorização estrutural” e “confere um significado muito especial ao paralelismo idealizado” pelo biógrafo grego (p. 28), desempenhando um papel importante quer “na intenção pedagógica ou moralizadora do autor”, por abordar, “de forma tipificada e objetiva, os ensinamentos dos heróis do passado, pesando-se nos pratos da balança as *aretai* e as *kakiai*”, quer no estabelecimento do “paralelismo sócio-cultural entre Gregos e Romanos.” (p. 30)

No “Estudio de la narración en la *Rhetorica Christiana* (1647) de Juan Bautista Escardó” (pp. 39-70), após uma breve biobibliografia do jesuíta maiorquino (pp. 39-41) e descrição da obra (pp. 41-45), María Elisa Cuyás de Torres centra a sua análise na narração e seu tratamento como elemento fundamental do sermão. Depois de explicar as diferenças no uso e no lugar ocupado pela *narratio* na oratória sagrada e na oratória forense (pp. 43-54), a A. debruça-se sobre: as condições e propriedades da narração bem feita, como a brevidade, a clareza, a verosimilhança e a suavidade (pp. 55-56); as partes da narração (pp. 56-57); a quarta condição da boa narração, ser suave (pp. 57-58); modos de ampliar a narração (pp. 58-60); modos de ampliar fábulas e narrações fictícias (pp. 60-61); modos de contar os exemplos (pp. 61-62); a digressão (pp. 62-65). Concluiu Cuyás de Torres que Juan Bautista Escardó tentou, com a sua *Rhetorica Christiana*, resolver o grave problema com que a Igreja Católica se debatia desde o século XV: os sermões estavam longe da compreensão do povo, que “permanecía ajeno a sus contenidos y fines. (p. 66)”. Colocando os preceitos dos grandes autores clássicos ao serviço do ensino das Sagradas Escrituras, o jesuíta defendia, de facto, que os predicadores deveriam ter conhecimentos de retórica para comporem bem os seus sermões, mas advogava, também, que a sua principal função era a de conhecerem as Escrituras “y buscar el fruto de sus oyentes, que en eso consiste el mandato de Cristo a los apóstoles.” (p. 68).

Com o estudo “La traducción latina de los *progymnasmata* de Aftonio de Francisco de Escobar y los *Testimonia ueterum scriptorum de Aphthonio et Hermogene*” (pp. 71-96), M.<sup>a</sup> Violeta Pérez Custodio põe em evidência a única

tradução latina do original grego realizada em Espanha (Barcelona, 1558), bem como a sua disseminação pela Europa ao longo dos séculos XVI e XVII em âmbitos escolares reformistas e, mais tarde, nos colégios jesuítas. Na secção dedicada à edição bilingue greco-latina de Jérôme Commelin (Heidelberg, 1597), a A. adverte para o facto de a tradução ser acompanhada de uns prolegómenos eruditos sobre os *progymnasmata* de Téon, Pseudo-Hermógenes e Aftónio (*Testimonia ueterum scriptorum de Aphthonio, Theone et Hermogene*), sem qualquer indicação relativa à autoria. O autor do texto seria, na verdade, o grande helecionista valenciano Pedro Juan Núñez, que o haveria publicado no ano de 1578, em Barcelona (embora sob o título abreviado *Testimonia ueterum scriptorum de Aphthonio et Hermogene*), como introdução às suas *Institutiones rhetoricae ex progymnasmatis potissimum Aphthonii atque ex Hermogenis arte*. A edição de Heidelberg (1597) oferece, assim, segundo a A., “un curioso caso de hibridación múltiple”, em que a tradução de Escobar e os *Testimonia ueterum scriptorum* compostos por Núñez acabaram por formar parte de um mesmo corpo, a que se juntou um compêndio dos comentários de Reinhard Lorich Hadamarius. Conclui Pérez Custodio que a edição de Commelin é um bom exemplo do valor inesperado que “cualquier pieza liminal y secundaria puede tener para la reconstrucción de la historia de los libros” (p. 91).

No estudo “La adaptación de los *progymnasmata* en manuales de retórica de la Compañía de Jesús (Bravo, Pomey, Jouvancy, Dominique de Colonia)” (pp. 97-121), Trinidad Arcos Pereira e María Dolores García de Paso Carrasco, em jeito de contextualização, começam por refletir sobre o ensino da retórica na Companhia de Jesus, tecendo algumas considerações sobre o nascimento da instituição, a *Ratio Studiorum* (estruturada em 12 anos, divididos em dois níveis e três ciclos) e o lugar do ensino da retórica no plano de estudos estabelecido na *Ratio* (pp. 97-99). Num segundo momento, refletem sobre o uso e a integração dos *progymnasmata* no *curriculum* das escolas dos jesuítas (pp. 100-101). Por fim, as AA. explicam de que modo os exercícios preliminares foram incorporados e tratados nos manuais de retórica dos jesuítas Bartolomé Bravo, François Pomey, Joseph de Jouvancy e Dominique de Colonia (pp. 102-116), para concluir que os compêndios analisados revelam o esforço desenvolvido pelos professores da Companhia de Jesus por

adequar a teoria à prática docente e responder “tanto a las necesidades de la Compañía como a los requerimientos de la sociedad de la época” (p. 118).

No texto “La presencia de los *progymnasmata* en el *Tyrocinium Eloquentiae siue Rhetorica noua* del jesuita Charles Pajot” (pp. 123-144), M.<sup>a</sup> Elena Curbelo Tavío trata a inclusão dos *progymnasmata* num dos manuais usados pela Companhia de Jesus, o compêndio de Charles Pajot, dado à estampa em Blois, no ano de 1647. Depois de descrever o *Tyrocinium Eloquentiae* como um manual dedicado à aprendizagem da eloquência, “parco en palabras, pero rico en preceptos, pues su intención es ofrecer un método fácil, cómodo y útil para principiantes que luego se convertirán en futuros rétores y humanistas” (p. 125) e de apresentar a sua estrutura compositiva (seis livros que coincidem ordenadamente com as cinco partes da retórica), a A. examina a presença dos *progymnasmata* no manual. Pajot apresenta a análise dos *progymnasmata* no livro terceiro do *Tyrocinium Eloquentiae*, que versa sobre a *dispositio* e se divide em duas partes. Na segunda parte do livro, consagrada à *dispositio* dentro dos géneros discursivos, são incluídos os *progymnasmata* de Aftónio. Na exposição de cada *genus*, incluem-se a respetiva definição, matéria, o tratamento da *dispositio* dentro de cada parte do discurso em questão e um conjunto de recomendações. É no final de cada género que se inclui um capítulo dedicado aos exercícios preliminares. Segundo Curbelo Tavío, esta vinculação dos *progymnasmata* de Aftónio à preceptiva retórica não constitui uma novidade, já que vem na senda do que outros humanistas haviam feito. Ao mesmo tempo, este vínculo entre a retórica e os exercícios preliminares permite conjugar a preceptiva retórica grega de Aftónio com a retórica latina e, no âmbito desta, com dois componentes fundamentais da sua preceptiva, as partes do discurso e os géneros da oratória, “proporcionando de este modo a sus estudiantes un manual escolar muy completo para el aprendizaje de los rudimentos de la elocuencia” (p. 130).

Em “Los *Aphthonii sophistae progymnasmata in epitomen redacta* (1613) de Pierre Valens: um ejemplo de diálogo pedagógico” (pp. 145-164), Gregorio Rodríguez Herrera, após traçar a biografia de Valens (pp. 145-146), apresenta o tratado do humanista francês como mais um exemplo dos numerosos manuais em que os escoliastas reescreveram a preceptiva de Aftónio, conformando-os aos seus interesses pedagógicos (p. 146). No que concerne ao género em que se inscreve a obra, o A. defende que o manual deve ser abordado sob uma dupla

perspetiva. Por um lado, pode ser perspectivado como uma epítome cuja composição é subjetiva, na medida em surgem mesclados no texto contributos de Aftónio e de outros escoliastas com conteúdos próprios do autor, mas que este apresenta como se se tratasse de um resumo da obra do sofista grego; por outro lado, como diálogo com carácter instrumental, em que o mais importante não é a troca de opiniões, mas a utilidade pedagógica; trata-se, aqui, de um procedimento retórico ou pedagógico usado para amenizar a aprendizagem, através do qual se apresentam argumentos que se aceitam sem discussão, porque o mestre assim o dita (pp. 147-148). Na terceira secção, Rodríguez Herrera descreve detalhadamente a estrutura e os conteúdos do manual em estudo (pp. 149-157), para depois se deter no tratamento dos exemplos na *Epitome* de Valens, que demonstram, uma vez mais, o ecletismo com que o humanista encarou a composição da obra (pp. 158-159). Por último, na secção “Retórica y teologia en la *Epitome*” (pp. 159-161), o A. do estudo chama a atenção para o facto de os florilégios, outro tipo de texto escolar muito utilizado pelos humanistas, deverem ser perspectivados como mais um elemento no processo de elaboração da *Epitome*, “si no como fuente directa en todos los casos, sí como referente de tópicos y *exempla*”, vinculados à religião cristã em dois aspetos centrais: a transmigração das almas e a criação do mundo (pp. 160-161).

Com o estudo “School Exercises in Rhetoric between Religious Controversies and “Political Correctness” in the 16<sup>th</sup> and 17<sup>th</sup> Century Europe” (pp. 165-183), Bartosz Awianowicz analisa o modo como os alemães Burchardus Harbart (Burkhard Harbart, 1546-1614) e Johannes Micraelius (Johann Lütkeschwager, 1597-1658) atacaram a doutrina católica nas suas edições dos *Progymnasmata* de Aftónio e de que maneira o jesuíta francês François Pomey (1618-1673) repeliu o ataque a partir dos seus manuais *Candidatus rhetoricae* (Lião, 1659) e *Nouus candidatus rhetoricae* (1667). Por outro lado, na secção ““Political correctness” of *Progymnasmata* in Prussia” (pp. 174-179), o A. lembra que vários autores conseguiram manter uma posição neutral, ao evitarem temas controversos. Awianowicz destaca sobretudo Valentin Thilo (1607-1662), professor na Universidade de Conisberga e autor dos *Exercitia oratoria*, publicados em 1645. Conclui o mesmo que os *progymnasmata*, de acordo com os autores de manuais de retórica quer protestantes quer católicos, se subordinam ao ideal da *eloquens pietas* ou *pia eloquentia* (a qual implica a utilização de temas religiosos

nos exercícios preliminares), reconhecendo, contudo, a existência, em meados do século XVII, de uma zona da Europa Central em que os interesses católicos e protestantes coexistiam e as controvérsias religiosas foram mitigadas com êxito (p. 179).

No último texto que integra a coletânea, “La lectura de J. Micraelio de los *Progymnasmata* de Aphthonius: un precedente del aprendizaje colaborativo” (pp. 185-210), Jesús Alexis Moreno García define os *Progymnasmata Aphthoniana* de Micraélio como um manual escolar em que o humanista comenta os catorze exercícios preliminares do autor grego e os ilustra com atividades (p. 185). Examina, depois, as atividades incluídas no manual, a sua estrutura, fontes e materiais, para perceber quais os conteúdos originais incorporados na proposta de *progymnasmata* micraeliana e que novidade acrescenta à tradição aftoniana. A partir desta análise, reconhece que o livro de Micraélio, contrariamente a outros manuais progymnasmáticos referentes a Aftónio, não propõe um texto que sirva de modelo para a criação de um novo texto, mas um tema com indicações que os alunos hão de seguir para o desenvolver. O mesmo tema há de ser trabalhado oralmente e em grupo, em geral, por seis alunos, os *progymnastae*. O *primus progymnasta* encarrega-se do prólogo, em que deve apresentar a atividade e pedir a colaboração dos colegas, mas também do epílogo, no qual agradece a contribuição dos restantes cinco *progymnastae*, aos quais o mestre terá, entretanto, indicado a temática da sua intervenção (p. 192). A importância concedida a estas atividades ou *actus progymnasmatici* leva Moreno García a concluir que os *progymnasmata* de Micraélio se centram, mais do que na erudição teórica, na preparação para a prática, e que esta, diferentemente da de outros manuais como os de Lorich ou Harbart, se destina à criação, não à imitação, e à aquisição da destreza oral e ao trabalho em grupo (p. 194). Ao mesmo tempo, constata o A. que as atividades propostas ao longo de todo o manual mostram virtudes, vícios e ações a imitar ou evitar, assim como aspetos doutrinários e debate ético que respondem aos postulados reformistas, o que revela que Micraélio tem como objetivo formar os seus alunos não apenas no domínio da retórica, mas também no pensamento da Reforma. Trata-se, por conseguinte, de um estilo de ensino participativo, prático, criativo e, em certa medida, promotor do pensamento crítico, aspetos que fazem do autor do manual um dos precursores da metodologia colaborativa (p. 207).

Em conclusão, saudamos a publicação deste apreciável livro de estudos sobre a importância dos *progymnasmata* na educação do Humanismo durante os séculos XVI e XVII, que nos oferece, no cumprimento do principal desígnio dos seus autores, “una panorámica representativa de cómo los humanistas utilizaron los ejercicios preliminares en las aulas tanto para formar a sus estudiantes en la preceptiva retórica como para difundir las ideas que enfrentaban a los europeos durante estos siglos” (p. 17).

**Olivia C. Cockburn, *Los verbos latinos en -izare (-issare, -idiare). Adaptación, uso y desarrollo del morfema griego -ίζειν en el latín antiguo*. Madrid, Ediciones Clásicas, 2021, 236 pp; ISBN: 978-84-7882-870-8.**

EMÍLIA M. ROCHA DE OLIVEIRA<sup>5</sup> (*Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC-UA), Universidade de Aveiro — Portugal*)

Acaba de ser publicado este notável estudo sobre os verbos latinos em *-izare*, que resulta de uma tese de doutoramento apresentada por Olivia C. Cockburn, em 2012, à Universidade Autónoma de Madrid. Dado à estampa sob a chancela da Ediciones Clásicas, 8.º volume da coleção *Bibliotheca Linguae Latinae (BLL)*, que é dirigida por Benjamín García-Hernández, consiste numa análise detalhada e rigorosa do empréstimo linguístico do sufixo grego *-ίζειν* ao latim, no âmbito do contacto das culturas grega e romana no Mediterrâneo antigo. Partindo de um inventário exaustivo dos verbos latinos em *-izare* (*-issare, -idiare*) documentados entre os séculos III a.C. e VI d.C., na qual foi seguida a ordem cronológica do seu aparecimento e se teve em consideração o tipo de textos (muitas vezes técnicos e populares) em que aqueles surgem inseridos, a A perquire a adaptação (fonética, gráfica e morfológica) e o valor semântico do sufixo, bem como as relações entre os verbos em *-izare* e as formações que incluem outros sufixos concorrentes em cada período do latim.

No Prólogo (pp. 13-18), Benjamín García-Hernández (orientador científico da investigação que está na génese deste livro), aproveitando o ensejo proporcionado pela abordagem de Olivia Cockburn, adverte para a conveniência da inclusão adequada dos verbos latinos em *-idiare* / *-izare* nos dicionários etimológicos de espanhol ou “la inserción correcta y oportuna de la re-

---

<sup>5</sup> <https://doi.org/10.34624/agora.v24i0.28045>; emilia.oliveira@ua.pt.